

EDITORIAL – VOLUME 1, NÚMERO 2

Revista **Cultura histórica & Patrimônio***História – Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)*

Os historiadores (e os textos por eles produzidos), cada vez mais, têm disputado a atenção dos leitores com as publicações de diversos profissionais de outras áreas, os quais têm se dedicado à produção e divulgação de textos de caráter histórico em que abordam temas diversos. Sabemos, como dizem recorrentemente diversos historiadores (entre eles, Chartier, em mais de uma ocasião), que nós, historiadores *tout court*, não somos hegemônicos na produção de narrativas de caráter histórico. Há tempos dividimos esse privilégio de narrar ações humanas no tempo, atribuindo sentido a elas a partir de questões que formulamos e de documentos que podemos consultar, com os romancistas, com os contistas, com os cronistas, com os memorialistas e, mais recentemente, com os jornalistas e demais produtores de textos. Contudo, sabemos também que as nossas narrativas têm especificidades em relação às demais mencionadas e já se escreveu o suficiente a respeito, desde os anos 1970, na trilha de Michel de Certeau, para que se retome o tema aqui.

Consciente da importância da produção e da divulgação de textos capazes de construir uma cultura histórica a partir de investigações intelectualmente sérias e academicamente respeitáveis, o grupo que criou a revista **Cultura histórica & Patrimônio**, em 2012, no curso de História da Universidade Federal de Alfenas, desde o início trabalhou para torná-la um espaço de divulgação de pesquisa de historiadores e profissionais de áreas afins sobre temáticas diversas, em linguagem acessível para todos os públicos, aliando o rigor acadêmico à comunicabilidade e ao esforço de atingir públicos mais amplos ao tratar da cultura histórica, da educação histórica e do patrimônio.

Nesse sentido, este segundo número da revista, tal como o primeiro, evidencia tais princípios e se constitui por pesquisas geograficamente, tematicamente, teoricamente e metodologicamente diversificadas, com destaque para as investigações nas quais são problematizados os museus, o patrimônio e a cultura material e imaterial. Aliás, é uma dessas investigações, de Janaina Cardoso Mello, intitulada “Museus, ciberespaço e educação: repensando o patrimônio na era digital”, que de maneira instigante abre a edição, discutindo a ideia de uma

“cibercultura museal” atuante na construção de um mundo permeado por novas linguagens tecnológicas, aplicadas à tridimensionalidade e à digitalização dos acervos na promoção de novas dinâmicas de acesso e comunicação de heranças culturais materiais e imateriais. A autora propõe um percurso pela Museologia em suas definições de cibermuseus, museus digitais e museus virtuais, evidenciando a busca por uma maior interatividade do usuário e a potencialidade dessas instâncias para a educação museológica e patrimonial.

Por sua vez, Rodrigo Modesto Nascimento problematiza, em “O patrimônio rural no oeste paulista: o tombamento da Fazenda Santa Sofia, 1989-1992”, a preservação de uma tipologia de bem patrimonial, o patrimônio rural, que foi negligenciada durante muitas décadas na prática de tombamentos pelo órgão de preservação federal (IPHAN). O autor analisa, mais especificamente, a preservação do patrimônio rural no Oeste Paulista, através do estudo sobre a Sede da Fazenda Santa Sofia e Mirante, edificação localizada no município de Presidente Venceslau, pertencente à região de Presidente Prudente. Evidencia, ao longo do estudo, a tensão que existe nos processos de tombamento, principalmente no caso estudado.

Ainda nos domínios do patrimônio, “Conhecendo os lugares de memória: um estudo do patrimônio cultural de Alagoinha, PE”, de Alexandre Bittencourt Leite Marques, é um estudo acerca dos lugares de memória do município de Alagoinha que remetem à época em que a localidade era um povoado colonial inserido no interior de Pernambuco, procurando compreender os diferentes modos de apropriação e uso desses lugares de memória por parte da atual população alagoinhense. Trata-se de artigo relevante, principalmente por oferecer uma reflexão a respeito do patrimônio na região Nordeste, muitas vezes ignorada nas publicações acadêmicas do Sudeste.

Encerra o conjunto de estudos sobre patrimônio (e também a primeira metade da edição) o artigo de Michelle Silva Joaquim, “Mogi das Cruzes: um estudo sobre patrimônio histórico”, em que a autora demonstra as questões principais a respeito do patrimônio de Mogi das Cruzes, uma cidade com 452 anos que, como ocorreu em diversas localidades brasileiras, perdeu parte significativa de seu patrimônio arquitetônico para dar lugar à modernização. É uma importante análise das questões patrimoniais em cidades e problematiza os motivos da preservação e o papel da população local nesse processo.

A segunda metade do número inicia-se com o artigo de Annelise Costa Montone e Fábio Vergara Cerqueira, “Representações da mulher em uma coleção de imagens fotográficas do Museu da Baronesa, Pelotas, RS (1880-1950): interpretação e catalogação”, em que os autores se dedicaram à interpretação de uma coleção de reproduções reprográficas de fotografias armazenadas no Museu da Baronesa, em Pelotas, RS, debatendo a relação entre a memória, a fotografia e o museu de modo a analisar, no conteúdo iconográfico, representações sobre a mulher na sociedade pelotense, entre os anos 1880 e 1950. A abordagem proposta, fundamentada em produções relacionadas à imagem fotográfica e à cultura material, é instigante e relevante.

Demonstrando a diversidade de temáticas e questões abordadas neste número, o artigo seguinte, “Trabalho e conflitos: aspectos da rotina e resistência dos escravos na Fábrica de Ferro São João de Ipanema (século XIX)”, de Mário Danieli Neto, oferece análise do trabalho escravo na Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Sorocaba (SP), com o intuito de evidenciar algumas informações disponíveis sobre esse contingente na companhia e, ao mesmo tempo, traçar considerações sobre o cotidiano de trabalho na fábrica e as estratégias de resistência dos escravos frente à violência da escravidão. Trata-se de uma vertente relativamente pouco conhecida do cotidiano do cativo de africanos e descendentes no Brasil do oitocentos, qual seja o da escravidão praticada em unidades fabris, e por esse aspecto, entre outros, o estudo se destaca.

O penúltimo artigo, “O lugar da mulher na imprensa negra paulistana (1915-1924)”, de Marina Pereira de Almeida Mello, também se relaciona à história das populações negras no Brasil. A autora investiga, por meio da chamada imprensa negra paulistana, de que maneira, em um cenário marcado por ideias e ideais pautados pela racialização das diferenças e, por um conseqüente, processo de eugenia e higienização, negros e negras paulistanas descendentes de escravizados assumiram discursos identitários e lugares de enunciação e participação que, por vezes, contrariaram as expectativas de subalternidade subjacentes à superação do regime escravista. Ao abordar um tema pouco trabalhado na historiografia, a autora contribui para os estudos afins.

O último artigo é “Os escritos do ultramar: o aporte do olhar luso-africano nos relatos sobre a ‘Guiné de Cabo-Verde’ (séc. XVI e XVII)”, de Beatriz Carvalho dos

Santos, mais um exemplo contundente da diversidade produtiva e estimulante de temas e objetos abordados neste segundo número de **Cultura histórica & Patrimônio**. Santos explicita como alguns homens de Cabo Verde escreveram a respeito da história da região através dos séculos, entre eles, André Almada, André Donelha e Francisco de Lemos Coelho. O estudo é especialmente relevante por propor uma análise da Guiné para além de suas relações com o trato atlântico e por indicar a possibilidade de produzir um conhecimento histórico mais voltado às sociedades locais a partir de fontes produzidas por agentes originários da própria região.

Os leitores deste número ainda poderão conhecer um pouco mais a respeito da biografia de João Goulart publicada pelo historiador Jorge Ferreira, da Universidade Federal Fluminense. Na resenha da obra, elaborada por Thales Moura Brasil Alegro, demonstra-se por que o livro em pauta merece ser lido também fora do espaço acadêmico, afinal, Ferreira contribui para a ampliação da historiografia sobre Jango e o Brasil dos conturbados anos 1960.

Agradecemos aos autores e às autoras dos textos deste segundo número, bem como somos profundamente gratos aos avaliadores que integraram o Conselho consultivo desta edição. Sem autores e avaliadores, a qualidade que se notará nas páginas a serem lidas não seria possível. Se houve percalços que impediram, por exemplo, a publicação no prazo inicialmente previsto (de até um semestre após o primeiro número), sem a compreensão dos autores e o trabalho dos avaliadores, certamente, este novo número não aconteceria.

Cabe destacar, por fim, que desde a publicação do primeiro número de **Cultura histórica & Patrimônio**, a historiografia brasileira perdeu a professora Helenice Rodrigues da Silva, da Universidade Federal do Paraná, que apoiou desde o início o projeto de criação de nossa revista e que fazia parte do Conselho editorial da publicação. Dedicamos este novo número à professora Helenice, que permanecerá em nosso Conselho, *in memoriam*, bem como continuará em nossas lembranças e, principalmente, em nossa cultura histórica, graças às indispensáveis obras que produziu.

Desejamos a todos e a todas boa leitura e até o próximo número.

Alfenas, setembro de 2013.

Os editores